

A TÉCNICA

e a evolução da Arte e da Literatura

No seu escrito mais recente, o Sr. Paul Valéry diz: «A nossa época lamenta sobretudo aquele feliz aborrecimento que, em tempos mais pacíficos e como que mais vazios, nos engendrava profundos, difíceis e desejáveis leitores» (Prefácio à *Anthologie des poètes de la N. R. F.*).

Nós ainda conhecemos esses tempos de feliz aborrecimento. Distâncias difíceis de percorrer separavam os homens cultos, as vozes indiscretas e tumultuosas do vasto mundo expiravam no limiar do quarto, cada um podia calafetar-se em si mesmo e dar livre curso à sua faculdade de meditação.

Longe de mim a ideia de trocar! As últimas gerações da burguesia e os artistas mais privilegiados e encontrados, nestas condições de vida, um clima de perfeição interior bastante excepcional. Um Baudelaire, um Stefan Georg, um Laforgue, um Meredith, um Claude Monet, um Debussy, um Proust, são o produto destes tempos abafados em que o capitalismo saía vencedor, sucessivamente, das perturbações de 48 e das de 71, e em que os prenúncios da tempestade amadureciam lentamente nos conselhos de administração, fábricas de armas, chancelarias e cortes europeias.

A passagem absolutamente inevitável de um estado de relativa estagnação à mobilidade permanente e à translação progressiva,—é encarada com angústia por muitos dos nossos contemporâneos—e dos mais distintos. Vêem nisso as premissas de uma decadência.

Um Alain, um Valéry, um Duhamel não reputam o espírito humano susceptível de submeter-se com felicidade a este ritmo novo da existência. Tendo em conta os notáveis frutos que o espírito tirou do rudimentar desenvolvimento da técnica, durante centenas de séculos, vêem bem o que ele perderá com este enriquecimento, mas vêem mal o que ele ganhará.

Estamos no começo de tudo

Para os contemporâneos de Gogol e para os de Tolstói jovem, o vazio da época, o longo bocejo dos dias, permitia a alguns indivíduos dotados, e que as circunstâncias favoreciam, cultivar em si próprios o «profundo, difícil e desejável leitor» que o Sr. Paul Valéry lamenta, e ao qual a arte deve tantas formas interessantes e preciosas. Todavia, cem milhões de servos e de moujiks, piores do que animais, ser-

viam de suporte e adubo a estas flores.

Alguns dos mais notáveis entre aqueles a quem desola a marcha do mundo poderiam ver hoje, no país de Pouchkine e de Sologoub, o esforço tentado para dar acesso ao conhecimento poético e à leitura poética não a um punhado de homens, mas a centenas de milhares. (Que estúpida vergonha me impede de dizer a verdade e dizer *milhões?*).

Este golpe de audácia não tem precedente na história humana. Aqui, também, *estamos no começo de tudo.*

Triunfará o grande intento? Ele faz abanar a cabeça a muitas pessoas, mais inclinadas à prudência do que ao heroísmo, e guardiães sombrios do serralho onde se mantém, a sete chaves, a ciência, a arte e a cultura,—esposas consideradas muito frágeis.

De facto, a escolha é apenas entre o definimento por carência, que ataca a vida intelectual da nossa velha sociedade, e o risco apenas de não ver atingidos todos os objectivos, a que se expõe uma sociedade nova.

A rádio é um dos agentes mais activos destas profundas transformações do meio poético, às quais o escritor deverá adaptar-se se quer ficar fiel

(Continuação da página seis)

—Vamos Malôa! Elas estão ali! Vamos!

O «feiticeiro» tremia, desta vez sinceramente e titubeava: —Não é preciso, Senhor! Não é preciso!

—Tens medo? Vou eu então. Fui a correr, quasi, para o lado da árvore em que o Botão devia estar empoleirado e cheguei a tempo de o ver a descer, devagarinho...

—Porque desces?
—O senhor não me chamou?
—Não! Foi para ensinar o Malôa. Sob e daqui a pouco tempo vai para casa.

Voltei para junto do evocador de «feiticeiras» e vi-o miserável! A magestade do seu porte, duplamente aureolada pela augusta ascendência, pois era filho de reis e pelas suas funções de «n'hambeze» (5), perdura-a, por completo.

Cufa abraçava-o fortemente, rosando, como bom cão de fila:—Não fujas, patife! Espera pelo Chefe!—e Malôa, perdido, trémulo, assombrado só dizia:—«Ndafe ine lero! Ndafe ine lero!» (Eu morro hoje! Eu morro hoje!)



GRAVURA DE AZEVEDO

à sua função. Ela deixa-nos entrever o que serão os veículos do pensamento num futuro não muito distante. A rádio dá a feição moderna à imagem da antiga cidade. Ela alarga à medida das nações o pequeno *agora* atenizense e *Jorum* romano limitado como um pátio.

Vós treméis pela arte, vós evocais com desgosto as vossas reminiscências de reuniões públicas? E' porque não podeis deixar de pensar sempre

como as cem mil pessoas felizes que têm vagar e a faculdade de visitar as exposições, ouvir as conferências, conviver com as pessoas de gosto, cultivar os artistas, possuir alguns livros, enfim: conhecer os itinerários da beleza. E vós não vos libertais da vossa desconfiança por esses milhões de desconhecidos, gente simples e anónima, afogada nas sombras dos arrabaldes e da província, que espera, sem as conhecer, as mesmas alegrias e as mesmas distrações, e que a província, o lugarejo, o ensino rudimentar e o trabalho excessivo mantém afastada dessa nobreza.

A esses, a técnica moderna leva, enfim, por pouco que eles a desejem, a comunicação das obras primas e torna possíveis os prazeres deliciosos que podem tirar-se do afinamento do gosto.

JEAN-RICHARD BLOCH

(Trad. e adapt. de R. S.)

AS ACADEMIAS E AS INVENÇÕES

Edison inventou, entre imensas coisas, um aparelho chamado fonógrafo, que retransmitia os sons gravados em discos. A Academia das Ciências de França reuniu-se para examinar o novo invento. Feita a primeira demonstração, um sábio—o sr. Bouilland—exclamou indignadíssimo:

—E' absurdo que nós nos deixemos enganar pelas habilidades de um ventriloquo!

Ah, as Academias!... Ah, os sábios!...

- (1) «Pondoro»—Leão.
- (2) «Sato»—Giboiá.
- (3) «Cipa»—Soldado, polícia preto.
- (4) «Candue»—Espécie de raposa.
- (5) «N'hambezes»—Curandeiro.